


# O Instituto do Ceará – o guardião da memória do Ceará

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE\*

Senhor presidente Arno Wehling,  
Senhoras e Senhores.

*“Sê conciso no teu falar:  
muitas coisas em poucas palavras”  
(Eclo 32,8).  
Cumprirei o preceito.*

omo se sabe, o domínio holandês no Brasil se estendeu de 1630 a 1654. As negociações diplomáticas para a recuperação do Nordeste se iniciaram em 1641 e somente foram concluídas em 1669, com a definitiva compra através da entrega do sal de Setúbal e de duas províncias no Malabar, na Índia, conforme nos ensina Evaldo Cabral de Melo, em *O Negócio do Brasil – Portugal, os Países Baixos e o Nordeste*. Os holandeses foram duros nas negociações pois não se conformavam com a perda do açúcar do Nordeste. No decorrer das negociações, os diplomatas dos Países Baixos apresentaram em 1648 os famosos 19 Artigos, contendo suas reivindicações. O artigo 1º, que é o que nos interessa de perto, previa a *Restituição inteira de todas as fortalezas e terras que possuíam desde o Rio Real, da parte do Sul, até o Rio Grande, da parte do Norte, deixando a Capitania do Maranhão à Sua Majestade, porém que a do Ceará, se dismantelaria e ficasse deserta.*

Esta proposta foi rejeitada por D. João IV; o Ceará não permaneceria como “terra de ninguém” como queriam os holandeses. Refutada

---

\* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

a proposta, em 1649 os holandeses, sob o comando de Matias Beck, se deslocam para o Ceará e fundam Fortaleza. E esta “terra de ninguém”, que não tinha prata nem ouro, nem pedras preciosas, conheceu desde o princípio grandes calamidades; já em 1603 seu primeiro desbravador, Pero Coelho de Sousa, fora vencido por inclemente seca; em 1607 viu o sangue de seu primeiro mártir, o Padre Francisco Pinto, jorrar na Serra da Ibiapaba. Terra desafortunada, mas que foi compensada pela heroicidade de seus filhos, habituados a lutar contra as adversidades. Resultado de caldeamento intenso de índios, europeus, árabes, judeus (cristãos novos) e ciganos. Poucos negros, é certo, pois o cearense não admitia a escravidão e por isso o Ceará recebeu o título de “Terra da Luz”, por ser a primeira Província brasileira a libertar seus escravos. Promovemos uma autêntica diáspora. Somos exportadores de cérebros. As fronteiras do Ceará se alargaram, pois o cearense tem natureza universal. Fomos conquistar o Acre, fomos ensinar o gaúcho a fazer charque; fomos os primeiros voluntários da Guerra do Paraguai; Jovita Feitosa vestiu roupas masculinas para se integrar ao contingente de voluntários, enquanto Carolina Sucupira entregou seu filho primogênito. O General Tibúrcio sagrou-se herói da Guerra do Paraguai; o General Sampaio foi guindado à condição de *Patrono da Infanteria*.

Um cearense, o Dr. José Amyntas da Costa Barros, hoje nome de rua em Curitiba, saiu do Aracati para lutar e morrer no Cerco da Lapa. Foi o avô materno do Governador Ney Amyntas de Barros Braga.

São milhares os cearenses que saíram do Ceará e não retornaram. José de Alencar, o maior romancista; Capistrano de Abreu, o maior historiador; Clóvis Beviláqua, o autor do Código Civil de 1916. Alberto Nepomuceno, o compositor laureado; Moura Brasil, o renomado oculista; Farias Brito, o filósofo, Archimedes Memória, o arquiteto que o Rio de Janeiro adotou; Eleazar de Carvalho, o mítico Regente da Orquestra Sinfônica de Nova Iorque; o pianista Jacques Klein, de fama internacional. Foram fundar o Instituto de Tecnologia da Aeronáutica, o ITA, que tem 30% de cearenses dentre seus alunos; foram dirigir a AÇOMINAS e ITAIPU; foram ser Ministros de Estado, destacando-se o Eng. João Felipe, Ministro das Relações Exteriores do governo de Floriano Peixoto; foram ser Diplomatas, sobressaindo-se nessa área os Embaixadores Hildebrando Acioli e Dário Castro Alves. Fincou suas raízes em Curitiba o Cel. Eng. Tibúrcio Cavalcante, Diretor da Rede

Viação Paraná-Santa Catarina; aqui no Rio, o Senador João Thomé de Sabóia, após exercer a presidência do Ceará, fundou o Rotary Clube, sendo o seu 1º Presidente; dois exerceram o cargo de Presidente da República. De lá saiu Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. De lá saíram mais de 20 bispos, mas recordarei somente Dom Lino Deodato, o 18º Bispo de São Paulo, criador do Santuário de Aparecida, e Dom Helder Câmara, um dos fundadores da CNBB e seu primeiro Secretário Geral, que implantou nesta cidade do Rio de Janeiro o Banco da Providência. No Rio Grande do Sul, o eng. Luiz Roberto Andrade Ponte tornou-se líder de sua classe e exerceu o mandato de deputado federal por 2 vezes, além de ocupar a chefia da Casa Civil da Presidência da República, enquanto seus irmãos Dom Gerardo Ponte e Dom Paulo Ponte eram bispos de Patos, na Paraíba, e São Luiz no Maranhão.. No Paraná, Alencar Furtado destacava-se como Deputado Federal exercendo forte liderança em Londrina, e Freitas Nobre, como um dos “autênticos” do antigo MDB, exercia seu mandato como deputado federal por São Paulo. No Rio de Janeiro, o dr. Frota Aguiar era eleito deputado federal diversas vezes, assim como Francisco José Studart e sua prima Heloneida Studart, sobrinhos-netos do nosso fundador, o Barão de Studart. Não é ocioso recordar que a deputada Sandra Cavalcanti, primeira presidente do Banco Nacional de Habitação, é neta do cearense Adolfo Cavalcante de Albuquerque. Não podemos esquecer que aqui no Rio de Janeiro o benemérito Adolfo Bezerra de Menezes, dedicou sua vida como médico e político em favor dos mais carentes espiritual e materialmente. A relação é meramente exemplificativa, poder-se-ia enumerar os feitos dos governadores Juracy Magalhães, na Bahia, Raimundo Padilha, no Estado do Rio, Miguel Arrais, em Pernambuco, Hélio Gueiros, no Pará, Siqueira Campos, no Tocantins; dos senadores Alvaro Maia (filho de cearense), no Amazonas e Vicente Bezerra Neto no Mato Grosso, dos deputados federais Oceano Carleial, em Alagoas, Pires Saboia, no Maranhão, e Nazareno Fonteles no Piauí, dos escritores Herman Lima, Gustavo Barroso, do sociólogo Djacir Menezes, dos juristas Matos Peixoto e Beni de Carvalho no Rio de Janeiro, do político e tabelião Belisário Távora, também no Rio de Janeiro, do físico Dalton Ellery Girão Barroso, do Marechal Juarez Távora, do romancista Domingos Olímpio e seu irmão Marechal Felino Alcino Braga Cavalcante, do médico Domingos Nogueira Ja-

guaribe, o empreendedor de Campos do Jordão, do Gen. Severino Sombra, o fundador da Universidade de Vassouras, Luiz Severiano Ribeiro, da rede de cinemas, de Thomaz Pompeu Neto, o longevo Presidente da CNI, o imortal Chico Anísio, do eng. Trajano Viriato de Medeiros, o construtor dos vagões ferroviários, do filólogo Fausto Barreto, e do homônimo Fausto Albuquerque, do Instituto Histórico de Minas Gerais, do cientista Melquíades Pinto Paiva, a quem muito deve a piscicultura brasileira, dos pintores Aldemir Martins e Antônio Bandeira, do advogado Rômulo Cavalcante Mota, presidente da Associação dos ex-alunos do Caraça, de Antenor Barros Leal Filho, atual presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, e de Florentino Cardoso, atual Presidente da Associação Médica Brasileira. Os cearenses, sob a direção de João Calmon, casado com uma cearense e que residiu em Fortaleza, se espalharam do Acre ao Rio Grande do Sul dirigindo os *Diários Associados*, do jornalista Assis Chateaubriand, o paraibano que revolucionou a imprensa brasileira. Fiquemos por aqui. Não externo um ufanismo despropositado e vazio; não! Traduzo, isto sim, uma realidade conhecida por todos os brasileiros, pois o cearense tem um sentido de pertença à nacionalidade. Em qualquer parte do território, sente-se como na sua terra. Não é demais recordar que este Instituto, sob o beneplácito de Dom Pedro II, na sessão de 30 de maio de 1856, criou a *Comissão Científica de Exploração*, sob a presidência do dr. Francisco Freire Alemão e constituídas de 5 Seções; para chefiar a Seção de Geografia e Astronomia, foi designado o dr. Giacomo Raja Gabaglia. A Comissão deveria iniciar seus trabalhos pela província do Ceará. Eis uma das Instruções dadas à Comissão: “*É muito recomendada na Província do Ceará a exploração minuciosa de suas principais serras, e sobretudo das extensas serranias da Ibiapaba e do Araripe, onde a tradição coloca ricas minas de metais, e são fecundíssimos nos reinos vegetal e animal.*” O resgate histórico das atividades da Comissão Científica de Exploração foi feito em 1962 pelo dr. Renato Braga, ex-presidente do Instituto do Ceará. Há uma singularidade a anotar. A Comissão esteve em Sobral, no norte do Ceará. E lá o dr. Raja Gabaglia vinculou-se. Dizem os registros: em 7 de junho de 1861, 6<sup>a</sup> feira, na capela do Menino Deus, na cidade de Sobral, deu-se o casamento do dr. Giacomo Raja Gabaglia, natural de Montevideú, filho de Caetano Raja e Carlota Grasso, com Maria da Natividade Albuquerque, filha do dr. João Fer-

nandes Barros e Luiza Amélia de Albuquerque Barros. A esposa do dr. Raja Gabaglia era irmã do Barão de Sobral, que exerceu a presidência da província do Rio Grande do Sul e na República foi o primeiro Procurador Geral da República. O neto de Giacomo Raja Gabaglia, eng. Edgar Raja Gabaglia, casou-se com a escritora Laurita Pessoa, filha e biógrafa do presidente Epitácio Pessoa. Convém assinalar que o dr. Freire Alemão, em precioso Diário, consignou, em 1859, que “*é notável como o povo do Ceará entende a sua nacionalidade : para eles o Brasil é o Ceará*”. E continua, “*eles fazem uma ideia tão exagerada da sua província, que no seu entender é em tudo superior a todas as outras; e o seu estribilho é sempre “Dêem-nos chuvas, dois meses só, todos os anos, que o Ceará não precisa de nada e pode fartar a todo o Império”*”. Não sei se o dr. Alemão tinha razão, mas o certo é que estamos sofrendo o terceiro ano de impiedosa seca e as reclamações não chegam às páginas da grande imprensa. O cearense incorporou o sofrer ao seu modo de viver. Sei, sim, que o cearense é universal e intrinsecamente desprendido. Politicamente, quem já viu alguém autolimitar seus poderes revolucionários? O gen. Castelo Branco o fez. Quando se discutia os termos da aliança Getúlio Vargas – Ademar de Barros, coube ao PSP indicar o Vice na chapa presidencial. Olavo Oliveira, Senador da República, refinado orador e professor de direito, abdicou em favor de Café Filho, menos expressivo intelectual e politicamente. Com Tancredo Neves disputando a presidência, o primeiro governador da ARENA a abrir dissidência foi o governador Gonzaga Mota, hoje nosso companheiro do Instituto do Ceará, a quem foi oferecida a Vice-Presidência. Não aceitou sob o pretexto de que tinha pouca idade. Tem-se no 11º andar, na Sala Imperial, deste edifício, sede do Instituto, mais uma prova do desprendimento do cearense. O *Instituto do Ceará* resolveu fazer doação ao *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* de uma tela retratando a figura eminente do Imperador D. Pedro II. Trata-se de um retrato a óleo, de tamanho natural, assinado e datado. Foi trazido para este Instituto pelo cearense José Artur Montenegro, sócio do IHGB, portando ofício datado de 08 de julho de 1898, assinado pelo nosso primeiro presidente, o des. Paulino Nogueira; seria normal que esse quadro permanecesse sob a guarda do nosso Instituto, pois o cearense ainda não se esqueceu do venerando estadista. Para preservar a memória da vida cotidiana de seu povo, que vive em todas as partes deste país, para narrar as vitórias

e sofrimentos do cearense, o Ceará dispõe do *Instituto do Ceará* (Histórico, Geográfico e Antropológico), fundado em 04 de março de 1887 por 12 abnegados, composto atualmente por 40 sócios efetivos. Tem uma excelente sede própria no centro de Fortaleza e edita, sem interrupção, desde sua fundação, uma Revista, que é a depositária da memória do Ceará. As 127 revistas publicadas de modo rotineiro estão disponíveis no *site* do Instituto, bem como 8 revistas especiais, tratando de temas específicos como a *Revolução do Equador*. A última, correspondente ao ano de 2013, traz um artigo do cientista Melquíades Pinto Paiva, que também honra este Instituto, consolidando a memória da piscicultura no Ceará; veicula um trabalho do sábio José Liberal de Castro, esgotando o tema das casas de “porão alto” em Fortaleza, e insere um trabalho do memorialista Osmar Diógenes discorrendo sobre a presença do clero na vida política do Império. A *Revista do Instituto do Ceará* é a memória da nação cearense. Seu valor foi atestado pelos eminentes historiadores José Honório Rodrigues e Leda Boechat Rodrigues, que dela fizeram minucioso INDICE ANOTADO. Tem suas imperfeições, é verdade, mas está repleta de boa vontade. Concluo, pensando no Papa Francisco: “*Não nos é pedido que sejamos imaculados, mas que não cessemos de melhorar*”.

(Pronunciamento feito no dia 22.10.2014, representando o *Instituto do Ceará* no VI Colóquio dos Institutos Históricos Brasileiros, realizado nos dias 21 a 23 de outubro de 2014, na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - Rio de Janeiro).